



**EPEPE**  
V ENCONTRO DE PESQUISA  
EDUCACIONAL  
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento  
na Perspectiva do Direito à Educação

## **Eixo Temático 4 – Formação de Professores e Práticas Pedagógicas**

### **A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO E PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR**

**Edineide Souza Sá Leitão – PPGE/UFPE**

**Marla Maria Moraes Moura – PPGE/UFPE**

**Maria Alexsandra Figueiroa Lins dos Santos – PPGE/UFPE**

#### **Resumo:**

O artigo trata da articulação do ensino e pesquisa no contexto da formação de professores/as no ensino superior a partir do pensamento de Cunha (2005). Tivemos como principal objetivo da investigação compreender as contribuições da prática indissociável entre ensino e pesquisa, no contexto da formação de professores/as em nível superior. Orientadas pela metodologia qualitativa, nos detivemos a pesquisar três professores do curso de Pedagogia de duas instituições formadoras, uma universidade pública e uma faculdade privada. Utilizamos como instrumento de coleta a entrevista semiestruturada e como procedimento de tratamento e análise dos dados recorremos à análise de conteúdo, via análise temática, proposta por Bardin (2011). Os resultados demonstraram que embora a indissociabilidade não se constitua num processo simples, é possível de ser realizada. Contribui com a mudança na visão dos/as estudantes e professores/as, trazendo uma perspectiva mais crítica e humanizada para se olhar o conhecimento, abrindo caminhos para a emancipação dos sujeitos envolvidos no campo educativo.

**Palavras-chave:** Ensino; Pesquisa; Prática Docente; Ensino Superior.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta resultados de um estudo sobre a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, no contexto da formação de professores/as, no ensino superior. Partimos das reflexões sobre o tema da indissociabilidade entre ensino e pesquisa, formulada pelos estudos de Cunha (2005). O foco desta investigação está direcionado à indissociabilidade entre pesquisa e ensino, todavia não desconsideramos a relação dessas ações com a atividade de extensão no processo formativo. Mas tendo em vista os limites deste artigo, nos detivemos à análise das duas primeiras práticas. A articulação entre ensino e pesquisa tem sido objeto de uma discussão frequente, realizada no âmbito da universidade, tendo em vista a possibilidade de se superar as práticas de ensino superior vigentes. Partimos do entendimento de que esta, associada a outros fatores, possibilitaria uma formação de qualidade. No entanto, a pesquisa em interação com o ensino, pouco têm se efetivado nas práticas acadêmicas universitárias.

O desafio para a realização de uma proposta que integre à formação de professores/as torna-se ainda mais difícil ao se analisar dispositivo da LDB 9394/96 pela qual às instituições privadas é facultado formar para a docência sem que a exigência das atividades de pesquisa seja observada em instituições de ensino superior não universitárias.

Nesse sentido, Cunha alerta para o fato de que “o ensino só será indissociado da pesquisa quando for construído um novo paradigma de ensinar e aprender a sociedade e, por conseguinte, na universidade. Não se trata apenas de uma nova didática, mas de uma ruptura com as formas de entender o conhecimento e o mundo” (CUNHA, 2005, p.13).

Tomadas pela compreensão mais profunda do que significa ser um/a professor/a pesquisador alguns questionamentos nos vieram em mente: É possível articular ensino e pesquisa? Como os professores/as formadores compreendem esta indissociabilidade? Que elementos contribuem para os professores/as formadores desenvolverem ou não uma prática indissociável entre pesquisa e ensino?

Sendo assim, a investigação teve como principal objetivo compreender as possíveis contribuições de uma prática formadora baseada na indissociabilidade entre ensino e pesquisa no contexto da formação de professores/as em nível superior. Do mesmo modo, os esforços investigativos tiveram ainda como objetivos específicos: a) identificar se os/as professores/as do ensino superior articulam ensino com pesquisa; e b) entender quais são processos formativos que colaboram para estabelecer a indissociabilidade entre ensino e pesquisa.

Tomamos como referência a pesquisa realizada por Cunha (2005) e o pensamento de Freire (1979; 1996; 2006), Lüdke (2001), Souza (2007) e Demo (2011). A seleção dos referidos autores foi norteada pelas suas importantes contribuições com relação ao objeto investigado.

Compreendemos a indissociabilidade como caminho de suma importância para potencializar a contribuição que os diferentes processos educacionais estão dando “a construção da humanidade do ser humano” (SOUZA, 2007, p.62). Essa construção é compreendida neste estudo, como processo de participação autêntica do indivíduo na sociedade, mais especificamente como práxis pedagógica. Essa práxis se faz e se refaz a partir da ação e reflexão de homens e mulheres mediados pelo mundo, no intuito de transformá-lo. A ação e reflexão são, portanto, constituintes inseparáveis, como aponta Freire (1996), pois é exatamente essa capacidade de refletir, operar e atuar na realidade que nos faz entender que nós não somos, estamos sendo. Portanto, é possível a mudança.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A compreensão da indissociabilidade do ensino com pesquisa como caminho para práticas docentes mais amplas, de cunho emancipatório, nos instigaram a olhar os estudos de Cunha (2005) porque são eivados de questões que justificam essa forma de ensino e aprendizagem, uma vez que promove, dentre outras atitudes, a reflexão, a crítica, a autonomia e a humanização dos sujeitos envolvidos no processo.

Nessa direção, o conteúdo é tratado como objeto de indagação e investigação numa atitude de superação da curiosidade ingênua para torná-la curiosidade epistemológica. Para Freire (1996), a prática docente crítica se realiza na reflexão permanente sobre a prática, através da qual o/a professor/a avalia o seu próprio fazer com os/as educandos/as. Sendo assim, o trabalho com pesquisa coloca o/a professor/a como agente fundamental no processo de ensino e aprendizagem, pois é ele que apresenta a condição de dar direção à sua prática, mesmo condicionado por um modelo de educação que não favorece a mobilização das pessoas e o desejo de mudança.

Comprendemos que a postura dos/as educadores/as que fazem de sua prática espaço de autorreflexão, de indagação e investigação contribuem para ultrapassar a concepção de professor/a como simples mediador/a entre a ciência, o conhecimento e os/as estudantes. Dessa maneira, a docência vai se constituindo pelo compromisso político e ético com a formação humana, à medida que se torna uma prática de resistência ao modelo pronto de aula, ao conteúdo passado de forma repetitiva e sem questionamento, à medida que desenvolve outra forma de valorar o humano, desenvolvendo a consciência crítica e oportunizando aos estudantes a capacidade de comparar, de perceber, de rever os achados, de romper e construir uma nova realidade social mais justa.

Freire é taxativo ao afirmar que não há possibilidade de ensino sem pesquisa e que o contrário também se aplica. Pois, esses “que-fazer-se encontram um no corpo do outro” (1996, p. 29). Em outras palavras, ocorrem de forma indissociável. Demo, corroborando com a discussão, explicita que “a rigor, ensinar é algo decorrente da pesquisa” (2011, p. 90).

Pensar e fazer novos percursos de ensino e aprendizagem, todavia, não é um processo fácil, posto que é trabalhoso, uma vez que exige uma mudança de postura por parte dos/as professores/as e alunos/as, promovendo a corresponsabilidade na busca do conhecimento. Implica em uma atitude própria do sujeito cognoscente, como expressa Cunha (2005), traduzindo o sentimento de busca, de indagação que toda aprendizagem se realiza.

Concretamente o que se busca com essa opção é proporcionar uma contraposição com os princípios do ensino tradicional, que considera o conhecimento acabado, concluído,

passando a pensá-lo como provisório e relativo. Substituir a reprodução, memorização e a resposta pronta e única pela criatividade, percebendo no erro e na dúvida formas de construção da aprendizagem. Considera-se também a importância da interdisciplinaridade em detrimento de fronteiras bem definidas entre as disciplinas.

É interessante ressaltar que as propostas pedagógicas nas universidades, como aponta Cunha (2005), são marcadas em grande parte pela ausência de uma preocupação com as estruturas de poder que estão subjacentes aos conhecimentos presentes na sociedade e os princípios epistemológicos que as validam. Esse modo de conceber a prática, marcado pela dicotomia entre o ensino e pesquisa, é fruto da concepção positivista da modernidade onde o conhecimento e a verdade passam a ser validados pelo que é mensurável, observável e objetivável.

Essa pesquisadora da docência no ensino superior nos chama atenção ainda para necessidade de se analisar, além do paradigma científico, as relações de poder e suas repercussões sobre a prática pedagógica do ensino superior. Há vaidades e interesses que interferem na manutenção da hierarquia das classes sociais. Conhecimento significa poder e implica na correlação de forças dentro da própria universidade. Conforme Bourdieu (1993), citado por Cunha (2005), disputa-se o monopólio da autoridade científica. Assim, Franco e Lisita (2008, p. 65) afirmam que “uma análise das relações de poder que se estabelecem na formação de professores possibilita identificar as razões dessas dificuldades na racionalidade técnica dominante nos currículos de formação, cuja matriz é o paradigma positivista de ciência”.

Os resultados das pesquisas de Cunha (2005) apontam que o trabalho docente fundamentado na interligação do ensino com a pesquisa promoveram mudanças nas relações que os/as professores/as e alunos/as estabelecem com o conhecimento. Ganha importância o respeito e a valorização pelo que o/a aluno/a traz, o destaque pelo trabalho coletivo, o entendimento da apropriação do conhecimento via reflexão e discussão a partir dos problemas concretos trazidos pelos/as estudantes, incentivo a dúvida e a pesquisa, a veiculação dos conteúdos das disciplinas com o contexto mais amplo, dentre outras questões.

Desse modo, o estudo da referida autora tem relevância no campo da formação de professores/as do ensino superior porque nos ajuda a perceber que os fatores que impedem a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa são os condicionamentos históricos e sociais a que fomos submetidos, mas não são determinantes para a inviabilidade de novas práticas.

### **3. METODOLOGIA**

Para este estudo adotamos como encaminhamento metodológico a pesquisa qualitativa, uma vez que

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2008, p. 21).

Investigamos duas instituições de ensino superior, uma universidade pública e uma faculdade privada. Na universidade pública, a escolha recaiu sobre a unidade acadêmica responsável pela formação de professores/as como campo de investigação, pelo fato dela ser uma instituição pública de referência no estado, no que diz respeito às exigências na qualidade da educação. Selecionamos também uma faculdade para proporcionar a análise da relação ensino com pesquisa na esfera privada, pois assim poderíamos identificar como estas redes de ensino superior compreendem tal articulação.

Nestas instituições nos detivemos a pesquisar três professores do curso de Pedagogia, sendo dois na primeira instituição e apenas um docente na segunda. Destes, duas do sexo feminino e um do sexo masculino. Visando preservar o anonimato dos docentes, que voluntariamente aceitaram participar deste estudo, foram atribuídas as siglas PES01, PES02 e PES03. Na perspectiva de possibilitar uma melhor compreensão sobre os docentes participantes da pesquisa elaboramos um quadro trazendo alguns dados importantes:

**Quadro 1 – Identificação dos docentes participantes da pesquisa**

	<b>PES01</b>	<b>PES02</b>	<b>PES03</b>
<b>Titulação</b>	Doutorado em Educação	Mestrado em Educação	Doutorado em Educação
<b>Tempo de Experiência no Ensino Superior</b>	21 anos	02 anos	18 anos
<b>Instituição</b>	Universidade pública	Faculdade privada	Universidade pública

O critério estabelecido para escolha de cada sujeito era que este/a fosse professor/a do ensino superior, em cursos de formação de professores/as, mais especificamente na área de Pedagogia. Entendemos que a formação inicial contribui de modo significativo nas futuras atuações desses professores/as em formação, portanto, faz-se necessário investigar como seus professores/as estão articulando o ensino com pesquisa. Partindo desse critério, os PES01 e PES03 foram escolhidos por apresentarem uma carreira acadêmica sólida e com diferentes experiências de pesquisa na área da Educação. A PES02 foi selecionada, apesar de pequena

experiência docente, por ter em seu histórico acadêmico envolvimento direto com a pesquisa e ensino, uma vez que esta docente é membro de um grupo de pesquisa, vinculado à universidade.

Utilizamos como procedimento de coleta de dados a entrevista semiestruturada por constituir-se como um procedimento que possibilita a flexibilidade quando ela se pauta em perguntas temáticas e não em questões fechadas, favorecendo assim a ênfase nos aspectos que se mostrarem mais relevantes para análise e compreensão do objeto. Essa técnica fornece dados objetivos, que podem ser conseguidos por meio de outras fontes, e dados subjetivos, que só podem ser obtidos com próprio sujeito, pois trata-se de sua relação com a realidade em que se inserem (MINAYO, 2008). Utilizamos um gravador para estabelecer o registro e um roteiro de entrevista contendo oito questões. Em seguida, os relatos foram transcritos com o objetivo de realizar a análise dos dados.

Para a organização e análise dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (1977). Esta autora define a análise de conteúdo como

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade (BARDIN, 1977, p. 09).

Dentre as modalidades de análise de conteúdo, optamos pela análise temática. A técnica consiste em dividir o texto em unidades para identificar os núcleos de sentido que constituem a comunicação. Em seguida reordenando-os em temas ou categorias.

Desdobra-se operacionalmente em três fases: a pré-análise, a exploração do material, e tratamento e inferências sobre os resultados.

A fase da pré-análise, conforme a referida autora, constitui-se na escolha dos documentos a serem analisados e na leitura flutuante de todo o material de campo. Nessa fase ao realizar uma leitura global do texto buscou-se perceber as primeiras impressões que emergem dos conteúdos os quais podem ser relacionadas ao objeto de estudo.

A exploração do material refere-se à análise do material selecionado, transformando-o em núcleos de sentidos por meio da codificação, decomposição ou enumeração. Na última fase, os dados foram tratados para que se tornem significativos. Foram realizadas inferências e interpretações por meio do diálogo constante com o quadro teórico adotado, que nos possibilitou chegar aos resultados de nossa pesquisa.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscamos construir a análise sobre a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, através da sua organização em categorias. Com base em Cunha (2005), as categorias estão assim definidas: *ensino com pesquisa, compreensão de indissociabilidade, construção da pesquisa no ensino e contribuições para desenvolvimento de pesquisa*. Estas categorias foram construídas com base nos dados coletados através da entrevista semiestruturada com professores/as formadores/as.

Na análise, tivemos o cuidado para não levar em conta o que Cunha considera ser um pressuposto equivocado nas propostas que têm a intenção de articular o ensino com a pesquisa, pois partem da suposição “de que a relação entre ensino e pesquisa se dá quando o professor estabiliza-se como investigador e traz para a sala de aula resultados dos seus estudos” (1996, p. 121). A autora assegura que mesmo sendo este um comportamento desejável, ele não garante a indissociabilidade entre ensino e pesquisa e muito menos o desenvolvimento de habilidades e atitudes científicas nos/as estudantes.

##### **Ensino com Pesquisa**

A PES01 expressou que apesar do esforço em possibilitar a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, a pesquisa ainda é vista como algo distante. Acrescentou que a atividade só é considerada de pesquisa, muitas vezes, apenas quando está associada a um programa ou projeto de iniciação científica. Ao buscar trazer para o contexto da sala de aula uma compreensão mais ampla de pesquisa, a professora participante coloca para seus/suas alunos/as a condição de “*consumidores de pesquisa e conhecimento*”, não no sentido de que não podemos produzi-la, mas que nossa vida acadêmica é permeada pela pesquisa.

Interessante que esta professora reconhece que

Falta muito a nós professores, a despeito de desenvolver projetos, de ter seus grupos de pesquisa, de fazer com que o aluno sinta que a universidade é um ambiente de pesquisa, e tudo o que a gente faz gira em torno desse conhecimento produzido, que é produzido na e através da pesquisa (PES01).

Nesse excerto a professora deixa a entender que a responsabilidade pela indissociabilidade entre ensino com a pesquisa é tarefa do docente. Cunha (2005, p. 33) corroboraria com este entendimento pelo fato de ver o/a professor/a “[...] como elemento fundamental que pode favorecer a mudança, pela sua condição de dar direção à prática

pedagógica que desenvolve, mesmo reconhecendo nesta os condicionantes históricos, sociais e culturais”.

A professora PES02, por sua vez, afirmou que “*na universidade, [a indissociabilidade] é algo concreto. Na IES não acontece com tanta intensidade como numa universidade pública*”. A fala da docente expressa muito bem a posição de Cunha quando coloca que “[...] passou-se a admitir a existência de espaços acadêmicos que só ensinam e outros que ensinam e pesquisam” (2005, p. 09). Parece que foi naturalizada a situação segundo a qual às universidades públicas cabem atuar na perspectiva da indissociabilidade do ensino com pesquisa, enquanto que, nas instituições privadas de ensino superior, a preocupação deve estar centrada apenas no ensino.

O PES03, por sua parte, explicou ser “*complicado, porque predomina o vínculo com o ensino, a pesquisa é secundária*”. E ainda complementou: “*nós professores achamos que no ensino superior, primeiro é ensino e depois vem a pesquisa*”. A ideia posta na fala do professor expressa a realidade da grande parte das instituições de nível superior que tendem a dissociar tais atividades, deixando clara a ideia de que ensino e pesquisa ocorrem em momentos excludentes.

Nessa perspectiva, Demo (2011, p. 67) esclarece que

a universidade poderia confirmar papel imprescindível e gerador ante o desenvolvimento humano, desde que se fizesse o signo exemplar da formação da competência, indicando a gestação do cidadão capaz de intervir eticamente na sociedade e na economia, tendo como alavanca instrumental crucial o conhecimento inovador. Não poderia, por isso, bastar-se como ensino, como é ainda regra geral entre nós.

Percebemos que as atividades de ensino ainda encontram-se desconectadas das atividades de pesquisa, apesar de alguns esforços. Além disto, tanto a PES01 como o PES03 sinalizam algo sobre a institucionalização da pesquisa, colocando como se pesquisa só ganhasse reconhecimento se constituísse uma atividade institucional, vinculada a um programa de formação. A PES01 esclarece esta questão ao afirmar que “*a pesquisa ela só é mais reconhecida quando você se vincula a um programa, um projeto de iniciação científica*”.

Sabe-se que, apesar de alguns avanços dos programas de iniciação científica, não são todos/as os/as estudantes contemplados/as por essas atividades, pois, as vagas são ainda restritas. Nesse sentido, fica difícil pensar em pesquisa apenas neste âmbito. Ou ainda, apenas restrito aos programas de pós graduação, porque, da mesma forma, não abrangem a todos os candidatos em virtude do número de vagas ofertadas ser inferior à demanda existente.



## Compreensão de Indissociabilidade

Para o PES03, a indissociabilidade “[...] *é esse processo que ocorre na pós graduação de discutir as teorias na sala de aula e ao mesmo tempo trabalhar na pesquisa. É o aprender fazendo*”. Nesses termos, parece claro ao docente que a indissociabilidade na relação ensino e pesquisa, ocorre de forma mais contundente na pós graduação. Cunha (2005, p. 10) afirma que “o panorama usual dos cursos de graduação nega, quase sempre, a ideia de ensino com pesquisa. Em geral neles está presente a concepção positivista de ciência, marcada pelas prescrições e certezas. Nesse sentido, a ideia de ensinar resume-se a dar aulas”.

No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9394/96, amparada pela Constituição Federal, em seu artigo 207, expressa que as universidades possuem autonomia institucional e que devem obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Assim, a pós graduação não deve ser o único nível a possibilitar tal articulação, pois compreendemos que, é a partir de uma sólida formação nesses aspectos, que conseguiremos possibilitar uma formação integral.

A indissociabilidade na perspectiva da PES01 significa “*a interdependência entre as três atividades, que são atividades fins da universidade. Então, é formar para o ensino, pesquisa e extensão de maneira indissociável*”. Entretanto, a professora reconhece que as atividades docentes na universidade ainda têm se restringido muito ao ensino. Nesse sentido, Demo (2011, p. 90-91) levanta a discussão sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão na universidade, colocando como estas atividades não homogêneas, pois caso fossem “[...] teríamos um pouco mais de pesquisa e extensão, o que não é verdade. Como regra, a predominância do mero ensino é avassaladora”. Assim, Demo (2011) aponta uma visível hierarquia entre os elementos que compõem a tríade ensino, pesquisa e extensão, no contexto do ensino superior.

A PES02 colocou a indissociabilidade entre ensino e pesquisa “*como um processo que objetiva entrar em contato com realidades desconhecidas ou pouco conhecidas, levando o ensino a novos conhecimentos*”. É interessante tocar no seguinte ponto: no contexto da universidade, é muito comum ocorrer pesquisa e ensino em momentos específicos, como atividades específicas, que exigem conhecimentos específicos. Cunha (2005) coloca que não é suficiente fazer essas três atividades distintamente. Pelo contrário, pois não basta aparecer nos programas das disciplinas as atividades de ensino e pesquisa em horários e compartimentos específicos. Faz-se necessário “[...] retomar a reflexão teórico-prática rigorosa sobre o ensino

e a aprendizagem, para fazermos avançar a prática pedagógica que se dá na universidade na direção da indissociabilidade” (CUNHA, 2005, p. 10). Concordamos com Cunha (2005), para quem é preciso repensar as práticas pedagógicas aplicadas no ensino universitário.

### **Construção da Pesquisa no Ensino**

No que se refere ao desenvolvimento da pesquisa na disciplina, a PES01 citou o exemplo de Organização da Escola Brasileira:

Eu peço aos alunos: escreva como foi o seu ensino médio, tente lembrar e procure registrar tudo o que vem a sua memória sobre o ensino médio. A partir disso, a gente faz um estudo coletivo do grupo sobre o que foi o ensino médio para eles. [...] Então, a gente aproveita o próprio conteúdo para investigar na prática dos alunos o que é esse conteúdo. Então, pra mim, eu acho que se torna bem mais interessante para os alunos. Não é aquela coisa tão árida que você dizer: a lei diz isso sobre o ensino médio, o ensino médio na lei tal era isso. Até as aulas se tornam mais vivas, uma vez que a gente investiga e olha para própria prática.

A PES01 concluiu afirmando que tal atividade *“é uma prática também investigativa, a meu ver, e eu acho que enriquece o ensino. Então, eu entendo que a pesquisa alimenta o ensino. Eu não penso, não concebo o ensino sem a pesquisa”*.

A PES02 declara que *“por mais que a gente não tenha espaço pra trabalhar pesquisa, não tenha espaço, do ponto de vista cronológico, não tenha uma hora aula reservada para pesquisa, eu não compreendo ensinar no nível superior sem realizar pesquisa”*. Esta também mencionou a experiência com a disciplina de Coordenação Pedagógica, em que a professora faz a proposta para que seus/suas alunos/as

[...] façam um levantamento nos GT de alguns encontros sobre as produções acadêmicas sobre a coordenação pedagógica. Então eles fazem a pesquisa bibliográfica, eles vão atrás do que está produzido nos meios eletrônicos e eles trazem poucas coisas em relação a outros temas da educação, e daí é feita a construção, produzem artigos.

Apesar de conseguir estabelecer algumas atividades de pesquisa durante a sua disciplina a PES02 demonstra um pouco de insatisfação ao afirmar que *“agora a gente sempre fica naquela sensação de que a gente queria mais, como expor estes artigos, publicar, mas infelizmente a realidade não é esta”*.

Diferentemente, o PES03 ao ser questionado acerca de estimular o desenvolvimento de pesquisa na sua disciplina, afirmou que: *“não, eu peço para ler textos, fazer leituras na internet, pesquisas sobre textos. Mas pesquisa como é feita na pós, não”*. Parece-nos que o

professor deixou explícito seu pouco conhecimento sobre o significado amplo da ideia de pesquisa. Lüdke (2001, p. 99) coloca que

um dos pontos mais interessantes a ressaltar aqui é que em muitos casos até mesmo o professor não se dá conta dessa verdadeira coabitação de ópticas, dentro da sua concepção de pesquisa, uma caracterizando uma espécie de “tipo ideal” de pesquisa, outra revelando a pesquisa que ele faz, ou acha que poderia fazer, na realidade.

Desse modo, Cunha (2005) e Freire (1996) nos ajudam a ter uma visão mais abrangente sobre a indissociabilidade. Ela não está apenas presente nas pesquisas de mestrado e doutorado. É uma ideia que se nutre da curiosidade, da não conformidade com o que está dado na sociedade.

### **Contribuições para Desenvolvimento de Pesquisa**

Quando a professora PES01 foi questionada acerca das contribuições para desenvolver o ensino articulado à pesquisa, a mesma remete-se ao contexto da formação inicial, tomado como referência. Esta afirma que muito do que faz hoje se aproxima do que a sua tutora fazia no período da graduação. Nesse sentido, destacou que *“tudo o quanto eu sou e que aprendi tem muito haver com a minha graduação. Então, eu considero a formação inicial de um peso muito grande”*.

A PES02 ao afirmar: *“a minha formação”*, colocou na sua formação o papel preponderante para o atual desenvolvimento de uma prática que busca possibilitar a articulação de ensino com pesquisa. Assim, é importante destacar que o ensino com pesquisa não visa formar um profissional pesquisador, mas incentivar o/a discente a entender o processo investigativo, ser capaz de usá-lo e conhecer a realidade de forma contextualizada. Por sua vez, para o/a professor/a, a pesquisa é vista como fonte inesgotável de produção de novos conhecimentos e transformações.

Divergindo deste pensamento, o PES03 explicou que: *“só faço isso na pós graduação porque já faz parte da atividade do professor. A pós já tem a proposta de fazer a pesquisa, discutir com os alunos seus objetos de estudo durante as aulas”*. Assim, ao negar o desenvolvimento de pesquisa, o PES03 acaba contrariando as Diretrizes para Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior (2001) que inclui a pesquisa como elemento essencial na formação profissional do/a professor/a.

É comum que professores/as reproduzam as práticas dos/as professores/as que julgaram interessantes durante a sua formação ou mesmo durante a sua vida escolar. Assim,

Franco e Lisita (2008, p. 41) afirmam que a formação deve ser entendida como “[...] projeto de desenvolvimento humano, por meio do qual se trabalha para que se possam produzir transformações no professor como pessoa”.

Portanto, considerando que os docentes participantes da investigação atuam em cursos de formação de professores/as, pensar uma formação que relacione pesquisa com ensino é pensar em possíveis melhorias na educação básica. Uma vez que, ao formar seus/suas estudantes com essas vivências, quando estes/as começarem a atuar, pressupomos que terão uma prática diferenciada, o que pode contribuir para o desenvolvimento da educação básica.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação nos possibilitou constatar que a pesquisa é percebida como atividade secundária no cenário da formação de professores/as, apesar dos esforços de muitos/as docentes no sentido de promover a efetiva articulação com o ensino. Os/as professores/as reconhecem que na universidade estas atividades acontecem geralmente em momentos distintos e como atividades distintas.

A indissociabilidade é, portanto, para estes professores/as, uma concepção difícil de realizar na prática. Este quadro se complica ainda mais quando se trata de instituições particulares, que não se comprometem com um ensino articulado com a pesquisa. Pois como já evidenciamos a própria LDB deixa espaço para que isso ocorra.

Compreendemos também que a pós graduação não deve ser o único nível a possibilitar tal articulação, uma vez que ensinar é naturalmente promover conhecimento e como nos diz Freire “não é possível conhecer nada a não ser que nada se substantive e vire objeto a ser conhecido, portanto, vire conteúdo” (FREIRE, 1996, p.45). Isso significa dizer que esse conhecimento somente é apreendido quando se torna significativo para o/a educando/a. Daí o sentido da busca, da pergunta e da constatação.

Algumas questões foram apontadas neste estudo que nos ajudam a perceber as dificuldades para trabalhar com pesquisa como, por exemplo: o número reduzido de bolsas dos programas de iniciação científica que não contemplam a maioria dos/as estudantes; concepções limitadas de pesquisa como se fosse atividade específica da pós graduação; além dos limites da carga horária para desenvolver projetos de pesquisa mais abrangentes.

Por outro lado, este trabalho evidenciou também que, embora não seja simples, é possível uma prática docente constituída pelo ensino com pesquisa, os/as professores/as participantes apresentaram relatos de atividades em que buscavam concretizar o princípio de

indissociabilidade. A formação inicial, segundo esses docentes, teve papel importante no desenvolvimento deste posicionamento.

Postas estas considerações vimos que desmitificar a pesquisa no contexto da formação de professores/as significa superar as condições atuais de reprodução em que vários fatores influenciam na forma de ser docente e o modo como conceber o conhecimento, o/a educando/a e a sociedade. Desse modo, entendemos que a pesquisa deve ser um processo que perpassa toda a vida acadêmica de maneira articulada com o ensino.

Destacamos que as reflexões aqui apresentadas buscaram contribuir com o debate acadêmico acerca da indissociabilidade do ensino com pesquisa. Propõe somar esforços para que o ato de conhecer torne-se mais denso e significativo para a vida dos sujeitos envolvidos na experiência. Agindo assim, contribuímos para elevar o nível sócio-educacional da população e conseqüentemente da sociedade. Todavia, consideramos que o conhecimento é provisório e inconcluso, neste sentido o estudo não tem a pretensão de esgotar o debate acerca do assunto, ao contrário é passível de novas percepções, escutas e interpretações.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05 de dezembro de 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. 2 ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2005.

CUNHA, Maria Isabel da. Relação ensino e pesquisa. In: VEIGA, Ilma P. A. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 115-126.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LISITA, Verbena Moreira Soares de Sousa. Pesquisa-ação: limites e possibilidades na formação docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (orgs.). **Pesquisa em Educação**. Vol. 2. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÜDKE, Menga *et al.* **O professor e a pesquisa**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**. 27 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (orgs.). **Pesquisa em Educação**. Vol. 2. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SOUZA, João Francisco. **Prática Pedagógica e Formação de Professores**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.